

O FIM DE UMA ERA

Reencontro

Poesia

Nos braços do pai

Uma bela e profunda crônica de
Mônica Leopoldino Silva Fernandes
Pág. C3



Reencontro

Amizades verdadeiras
não aluem com o tempo
nem se dissipam com a distância

CRÔNICA DE UMA AMIZADE ANUNCIADA

ZÉ RENATO

Quando iniciei meu trabalho como professor — há quase 35 anos —, na primeira semana de aula, entrei numa sala de “primeiro colegial” — essa era a nomenclatura —, se não me engano, “1.º H”, havia um jovem de 16 anos, combativo, independente, autônomo, corajoso e perspicaz, uma capacidade de absorção de conhecimento acima da média. O mais importante: bem-humorado. Logo passei a admirá-lo e a respeitá-lo. Era um desafio para um jovem inexperiente e iniciante no ofício.

Convivemos um ano. 1984.

Não era concursado. Lecionar significava “pegar o que aparecesse de aulas”. Não consegui as mesmas turmas para o ano posterior. Atribuíram-me aulas na mesma unidade de ensino, todavia, no período da tarde.

Somente reencontrei o Ailton — esse é o “antigo” menino —, alguns anos depois. Para minha surpresa e felicidade: formara-se professor. Historiador, graduado pela PUC. Mais um filho da PUC!

Nos encontramos em meio às manifes-



tações, greves e lutas dos professores por salários decentes, condições de trabalho justas e dignas. Detalhe: os mesmos dramas persistem: é o jeito coxinha de governar.

Passamos a nos ver com frequência, na medida em que sempre havia uma treta com o poder público. Assembleias, greves, manifestações.

O melhor da luta: acabava tudo no boteco. Muita cerveja, conversas agradabilíssimas: discutíamos política, o movimento e, por fim, o assunto mais sério e importante: futebol. Alguns anos depois, no início dos 1990, Ailton conheceu uma jovem, bonita, inteligente, com muita vontade de estudar e aprender, cuja característica que inicialmente mais chamou minha atenção foi a capacidade de compreensão e ótima escrita. Essa é a Mônica.

Apaixonaram-se. Começaram a namorar. Ficou sério. Casaram-se em 1996.

Mônica já estudava Filosofia na USP. Concluiu com brilhantismo.

Anos depois, estudou e graduou-se em Geografia pela PUC. Filha da PUC! Também. Pelas idiossincrasias da vida, nos afasta-

mos. Fisicamente apenas. Tenho certeza, falo por mim, pela Jacqueline, pelo Ailton e pela Mônica; a afetividade, a amorosidade, o carinho, o respeito, a admiração e o amor continuaram e continuam a prevalecer.

O WhatsApp me reuniu a ambos.

Falta o reencontro físico, real. Acontecerá em breve.

Todavia, para celebrar, tenho a honra e o prazer de apresentar aos leitores do *Cultura!* meus, nossos — meu e da Jacqueline —, amados e fraternos amigos: Mônica e Ailton.

Divirtam-se, leiam, compartilhem e aprendam com a grande sabedoria de ambos.

Ótima leitura.

“O melhor da luta: acabava tudo no boteco. Muita cerveja, conversas agradabilíssimas: discutíamos política, o movimento e, por fim, o assunto mais sério e importante: futebol”

Mais um. “Pedro, onde cê vai eu também vou.” Reafirmo o grande Raul. É uma honra, uma alegria, um privilégio, arrebatadores, apresentar um estudante, graduando em Artes Visuais, cuja deferência tenho em lecionar. Pedro é um poeta, na acepção do termo. Alguém cujas letras transpiram vida, drama, dor, sede, horror, todavia, com uma dose incomensurável de lirismo. Desfrutem. Ótima leitura.

Poesia

PEDRO ANTONIO NASCIMENTO DE JESUS

Hitchcock

No vão da cortina
o vão da cortina
o fim e a vida irão se unir
como golpe certo
a faca e o queijo
encena um beijo
em vísceras do fim
O terno sujo de
manchas vermelhas
esguicha da veia
o sangue vital
em cima do palco
eu crio
eu mato num take
relato
todo rancor
em teor visceral

Alcoólatra

Aos olhos terceiros
vejo do que me julgam
perdendo toda a culpa
de até não ser isso

Existe tanta coisa por baixo
que fica escancarada a vontade
de chorar deitado no mar de culpa
por coisas que nem fiz

Não preciso de esmola
não calço botas sujas de redenção
eu não sei o que dizer ou fazer
para que achem melhor

Não dá pra ser mais do que sou
mesmo que o que eles veem
seja uma figura patética
à mercê de nem sei o quê

Distorção Esquizofrênica

Eu vejo milagres inexistentes
que só eu vejo, que só eu sinto
talvez seja a falta de lucidez
que sofro toda vez que me pergunto
sobre todos os porquês

Vi quem me jurou amor eterno
sumir de repente por talvez se assustar
com o que de mim conheceu
então escolheu não ficar
para se poupar de enlouquecer

Meu mundo não é compreensível
eu vejo cores em asfaltos escuros
eu vejo almas cruas, despidas
eu não sou como vocês
eu não calculo o valor da vida

*
PEDRO ANTONIO NASCIMENTO DE JESUS,
GRADUANDO EM ARTES VISUAIS
PELA UNIJALES, É POETA

Palavra



“Eu não busco êxitos comerciais, nem dinheiro com meu cinema, o que quero criar como artista são vínculos e sentimentos de fraternidade e ternura entre as pessoas. Receber prêmios tem algo de ridículo, porque sigo sem ter dinheiro para fazer meus filmes.”

AGNÈS VARDA
NASCIDA EM BRUXELAS, BÉLGICA, EM 1928, A CINEASTA, DIRETORA DE “CLÉO DE 5 À 7”, “L’UNE CHANTE, L’AUTRE PAS” E “VISAGES, VILLAGES”, DENTRE OUTROS, MORREU EM PARIS, FRANÇA, MÊS PASSADO.

Agnès Varda



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Crônica

“O pai agora corria com ela em seus braços e nem pensava no quanto ela estava leve, lívida e com sinais de calvície. Os batimentos de seu coração eram sentidos por ele de um modo quase mágico”



NOS BRAÇOS

MÔNICAL.SILVA FERNANDES

Há tempos o pai não tocava sua menina. Quando ela era uma garotinha, adorava as brincadeiras. Ele a puxava pelo braço para o meio das próprias pernas e fazia com seu corpinho uma cambalhota mágica. Ela gritava de alegria e medo, aquele medo gostoso de quem quer arriscar com a segurança do colo, o mesmo medo que nos faz atar o cinto na montanha russa e checar o mecanismo de segurança antes da partida do brinquedo.

Ele não conseguia lembrar há quanto tempo não tocava-lhe o braço para despertá-la pela manhã ou qual foi a última vez que fizeram juntos qualquer brincadeira. Naquele dia, ele foi capaz de notar que suas mãozinhas, que antes tinham dedos de unhas roídas e cheios de anéis de plástico, tinham sido transformadas em mãos longas, belas e com grandes unhas pintadas.

O sangue seco e um tanto rosado funcionava como uma espécie de cola que fazia com que a manga da camiseta grudasse no ferimento feito há pouco por ela com uma lâmina muito afiada. Acostumada a usar o compasso ou a lâmina cega do apontador de lápis, a menina errou o cálculo, não percebeu, e foi usando a mesma força. E o resultado não poderia ser pior, pois ela estava ali, fria, desacordada, tendo o braço tocado pelo pai que descobria muitas cicatrizes, muita dor acumulada, muito medo riscado sobre a pele e muita necessidade de participar de um grupo, de ser vista, mostrar-se. Ela queria ser vista, ainda que mantivesse os braços totalmente cobertos pelas blusas de mangas compridas.

O pai agora corria com ela em seus braços e nem pensava no quanto ela estava leve, lívida e com sinais de calvície. Os ba-

timentos de seu coração eram sentidos por ele de um modo quase mágico, pois eram tão fraquinhos e tão cansados que davam a impressão de serem desistentes. Mas o pai os sentia firmemente, compassando-os com os seus próprios. Foi focado neles que o homem abatido adentrou a ambulância do serviço público de saúde. E demorou a se convencer de que aquela estranha em seus braços era a sua menina e, depois de tê-la finalmente reconhecido e recolhido junto ao peito, não podia crer que aqueles braços mutilados eram os de sua filha. Será que a filha, quase morta, sentia a mesma coisa a respeito dele? Será que era capaz de perguntar a si mesma se aquele estranho era seu pai?

Não dava tempo de sentir culpa, nem de pensar em uma oração qualquer que pudesse salvá-la, e ele também não conseguia questionar a filha, não podia sabê-la ou percebê-la daquela forma, pois tinha certeza de que ontem mesmo ela era uma menininha. A sirene tocando, os motores ligados e os fios esticados pelo chão tornavam o ambiente mais conturbado. Os desvios bruscos e o vai e vem por entre as faixas de trânsito o deixaram angustiado, mas aquilo não era nada comparado à ansiedade de vê-la, num relance, de olhos abertos. E, no momento em que a sirene estava mais baixa e a velocidade um pouco reduzida, ele percebeu, depois do paramédico e do motorista, que a garota estava de volta. Embora, no fundo, aquela ainda não fosse sua filha, lá estava ela, sonolenta, com olhar vago e fala embaralhada.

— Pai? Oi, eu...

E ele não conseguiu responder. Ficou olhando naqueles olhos vazios, até que

“Talvez tudo tenha acontecido nas perguntas vagas, nos beijos breves que mal tocavam as faces rosadas ou nos momentos em que o cansaço tomava a todos de uma vez até que dormissem”

pode sentir-se agradecido por reconhecê-los. Era a sua menina, cortada na pele, mutilada na alma e perdida. Ela não sabia que as consequências do que fazia na escola, com amigas que, como ela, ficavam sozinhas no intervalo ou que pouco conversavam, seriam tão drásticas.

A ideia era cortar, cortar fundo e superficialmente, cortar a diferença e a mesmice, cortar a si mesma para se desprender da vida e para ligar-se às outras meninas que também se cortavam. Cortava-se para estar unida a um grupo. Mas não era para chegar a morrer, nem para quase viver, era fazer por fazer e, logo mais, fazer porque podia fazer, até que por fim fosse porque precisava fazer. Estava posto, era cortar para doer e para parar com a dor. Para que aquela fosse a última dor em uma cadeia de angústia, cortar-se para aparecer e para esconder, para deixar de ser aquela e continuar existindo. Mutilar-se para não morrer e para ver como aquilo logo aliviava tudo.

E ele ficou chocado por não ter lembrança de quando tudo teria se cortado de vez. Perguntou a si mesmo onde estava o espaço entre o passado e o presente, perguntou como tudo teria se perdido. Teria sido naquelas manhãs de cansaço e atribulações que vinham só de pensar em um novo e longo dia pela frente? Ou nas noites em que demorou para perceber que ela não estava em casa? Talvez a menina estivesse sumindo pouco a pouco, perdendo pele e sangue pelos cortes e água pelos olhos, enquanto as brigas aconteciam, as contas a serem pagas batiam à porta e pesavam sobre o travesseiro. Talvez tudo tenha acontecido nas perguntas vagas, nos beijos breves que mal tocavam as faces rosadas, na tela do

computador, no aviso sonoro de uma nova mensagem chegando pela rede, ou nos momentos em que o cansaço tomava a todos de uma vez até que dormissem.

A menina não sabia bem os motivos de ter feito aquilo, mas, certamente, estava sentindo o longo impacto daquele toque instantâneo de extensão limitada sobre seu braço esquerdo. Quem iria saber que era uma veia importante? Quem saberia que aquilo seria combinado com sua falta de apetite e todos aqueles vômitos? Quem diria! Ela sabia que a cicatriz daquele corte seria muito diferente das outras que colecionava pelos braços, antebraços e até pelas pernas. Mais profunda, com um novo desenho formado pelos pontos que certamente tomaria, aquela seria uma cicatriz eterna. E estaria em sua face, seus olhos e sua mente. Aquela cicatriz perduraria como a marca da descoberta, do grito, do pedido que ela fingiu nunca ter feito, mas que era feito aos sussurros a cada novo corte e que agora era gritado, berrado através do toque daquela lâmina afiada.

Na ambulância, o desembarque era no colo do pai. Mesmo com a advertência do paramédico, mesmo com o rubor tendo sido recuperado à face da filha, ele fazia questão de carregá-la, não para curá-la ou apenas amparar sua menina doente, ele o faria para costurar, fechar um pedacinho do corte que o tempo, a vida e os relacionamentos haviam aberto no encontro dos braços deles dois. Ia costurar com todo cuidado, de forma lenta e muito cuidadosa, com os olhos bem abertos, mesmo estando muito cansado ou preocupado. E ainda assim sabia: a cicatriz seria inevitável.

*

MÔNICA LEOPOLDINO SILVA FERNANDES, GRADUADA EM FILOSOFIA PELA USP E EM GEOGRAFIA PELA PUC, É PROFESSORA NAS REDES MUNICIPAL E PRIVADA DE ENSINO

História

“Ao ver o discurso fácil da atual política brasileira, com seus argumentos odiosos e simplórios, é fácil constatar que o ninho da serpente nos espreita e nos ameaça. O antídoto para tal perigo é a memória coletiva”

O FIM DE UMA ERA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

AILTON FERNANDES

Por ocasião da lembrança do último novembro, que marcou cem anos do fim da Primeira Guerra Mundial, e também por ser esse um assunto que desperta grande interesse nas minhas aulas do terceiro ano do Ensino Médio, penso que vale a pena lançar os olhos a esse conflito.

É um momento em que também eu, de maneira descarada, faço doutrinação junto aos meus alunos, no caso condenando a guerra por ser ela a expressão da mais pura barbárie humana.

A linha seguida é o romance de Erich Maria Remarque, *Nada de novo no front*. Esse autor foi ele mesmo um sobrevivente desse conflito e posteriormente perseguido na Alemanha nazista pelo seu posicionamento contra a guerra.

Epítetos não faltam para designar a Primeira Guerra Mundial: “a guerra total”, “a guerra que porá fim a todas as guerras”, “a grande guerra”; enfim, designações para este conflito não faltam aos livros de História.

De minha parte, prefiro usar a designação de Eric Hobsbawm: a Primeira Guerra Mundial iniciou o século da barbárie para a humanidade. Nunca, em tão pouco tempo, matou-se tanto como no século XX. A indústria da guerra atingiu o seu apogeu com a invenção e a proliferação de uma enorme máquina de guerra.

Esta máquina de guerra teve no conflito, que no ano passado ano fez cem anos de seu frágil armistício, um excelente laboratório de testes.

Lá foram usadas em grande escala as armas químicas, ciência que engatinhava, mas que já era usada para fins de genocídio; tanques de guerra, metralhadoras, aviões, um enorme contingente

de soldados oriundos do gigantesco exército de reserva produzido pela Revolução Industrial. Todo este cenário desenhou um conflito que matou mais de 10 milhões de pessoas e feriu, física ou psicologicamente, outros tantos.

Recorremos a Todorov, que lamentou tratar vítimas humanas com cálculos aproximados, quando estudou a conquista da América pelos europeus; mas, infelizmente, dada a grandeza da estupidez humana nesse período, não me resta alternativa senão a de apresentar números aproximados.

Os motivos da guerra foram muitos, desde a luta pelo controle dos Bálcãs pelo Império Austro-Húngaro em disputa com o Império Russo, até o nacionalismo exacerbado que desde sempre esteve presente nas nações europeias. No entanto, a causa principal desta guerra foi o controle, pelas grandes potências europeias — França, Inglaterra, Bélgica, Itália e Alemanha — das terras da África e da Ásia.

Temos uma conjuntura demoníaca, não apenas os europeus sofreram com este conflito, mas principalmente africanos e asiáticos sofreram, sofrem e ainda sofrerão por muito tempo a política de terra arrasada que há mais de 500 anos existe por parte das potências estrangeiras.

A guerra era inevitável e a morte do herdeiro do Império Austro-Húngaro, por nacionalistas sérvios, foi a desculpa criada para começar a guerra.

Ésquilo, dramaturgo grego, disse que a primeira vítima de qualquer guerra é a verdade; este é um caso clássico que comprova esta tese.

As últimas décadas que precederam esse

conflito foram marcadas por uma intensa corrida armamentista voltada para a preservação e expansão dos seus respectivos impérios. Neste cenário, a vida humana é o que menos importa, a cultura militarista transformava todos em potenciais heróis para a pátria. Essa mentira alimentou os exércitos com contingentes de jovens nunca antes visto na história.

Os motivos que explicam essa guerra ainda existem. Ainda hoje, as potências mundiais batalham para manter suas posições e avançar; o ovo da serpente resiste...

Foi também uma guerra que não acabou.

O Tratado de Versalhes, assinado ao fim dela, não apenas foi incompetente para gerar a paz, como foi responsável direto pela Segunda Guerra Mundial. Ao humilhar o derrotado, no caso a Alemanha, os países vencedores criaram um ambiente de vingança que foi muito bem explorado pelo nazismo e por Hitler. A Alemanha foi obrigada a pagar todos os prejuízos da guerra e até hoje leva a pecha de ter sido a única culpada pelo início dela. Ora, quando uma guerra começa, todos são culpados; ao jogar a responsabilidade nos ombros de apenas uma nação, criam-se as condições necessárias para que esta busque a vingança.

A República de Weimar, acossada por uma profunda crise econômica, acossada pelo desejo de vingança, pela intransigência dos países vencedores, em especial França e Inglaterra, foi presa fácil de discursos autoritários e de fácil digestão para uma população miserável. Nesse ambiente, Hitler e os seus asseclas encontram campo fértil para que as suas ideias de ódio frutifiquem.

Foi isso o que aconteceu: a Segunda Guerra Mundial é continuação da primeira, pelos mesmos motivos e com consequências inimagináveis. Levou a humanidade ao mais baixo nível e criou situações de barbárie explícita, daí o termo usado

“Em Londres, às margens do Tâmesa, um memorial aos mortos da guerra não só com o frio mármore lapidar, mas com flores frescas. A memória é o recurso para afastar a barbárie”

por Hobsbawm.

A outra consequência importante foi a ascensão dos Estados Unidos enquanto potência mundial, substituindo as antigas potências europeias e tornando-se o “xerife” do mundo, estendendo seus tentáculos para todo o globo graças à sua força econômica e militar.

Ao estudar um processo histórico, é dever de todos nós observar se as condições que nos cercam hoje não são similares às aquelas, se não estamos chocando novamente o ovo da serpente que a todos mata com a sua peçonha.

Ao ver o discurso fácil da atual política brasileira, com seus argumentos odiosos e simplórios, é fácil constatar que o ninho da serpente nos espreita e nos ameaça.

O antídoto para tal perigo é a memória coletiva.

Numa viagem feita há alguns anos, tive a oportunidade de conhecer a cidade de Londres. Chamou-me a atenção ao ver, nas margens do rio Tâmesa, um memorial em homenagem aos mortos dessa guerra não apenas com o frio mármore que lhe servia como uma espécie de lápide, mas sim com flores frescas demonstrando que a memória coletiva dos londrinos não perdeu de vista essa tragédia humana.

A memória é o nosso recurso para afastar a barbárie.

*

AILTON FERNANDES, GRADUADO EM HISTÓRIA PELA PUC, É DIRETOR DO SINDICATO DOS PROFESSORES DE SÃO PAULO (SINPRO-SP) E PROFESSOR NAS REDES ESTADUAL E PRIVADA DE ENSINO

